

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

Entrevista

Alonso de Lucena Goulart

Eduarda Fernandes Lima

Vagner Henrique Domingos

Vitor de Lima Gallina

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v12i1p584-618

A Revista Epígrafe tem como tradição apresentar ao seu público leitor entrevistas com importantes profissionais da área de História, assim considerados tanto por suas contribuições para o ensino, a pesquisa e a extensão universitárias, quanto porque suas atuações, em diferentes frentes, instigam, inspiram e possibilitam a reflexão a respeito de temáticas incontornáveis do momento presente, que exatamente por isso suscitam o interesse de nosso público. Agir no sentido de proporcionar o enriquecimento de tais debates é o que orienta a realização de nossas entrevistas, incluindo a escolha das personalidades entrevistadas, exatamente por entendermos a importância do debate qualificado para o desenvolvimento de nosso ofício, não apenas o de estudantes e profissionais da área de História, mas também aquele que nos une como comunidade interessada na produção socialmente responsável do conhecimento: isto, sem dúvidas, abrange não só toda a área das Humanidades, mas também a comunidade científica de modo geral. Também é importante destacar que a utilização da forma entrevista para o fomento deste debate tem como objetivo, além da exploração de temas pertinentes à comunidade, a publicização dos aspectos pessoais que subjazem às produções acadêmicas. Em outras palavras, a entrevista procura possibilitar que conheçamos as pessoas que

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

assinam os trabalhos com os quais aprendemos a decodificar o mundo — muitos dos quais nossos professores e professoras —, com um olhar mais sensível, aprendendo com elas a respeito, entre outras questões, dos desafios e gratificações próprios do trabalho de pesquisa; de seus interesses pessoais por trás e além de suas atuações no âmbito profissional; de como percebem as relações entre seu trabalho e as questões sociais mais amplas; além de suas pesquisas em andamento e projetos futuros.

Assim, podem ser encontradas, em nossas edições anteriores, entrevistas com Luiz Felipe de Alencastro, Maria Lígia Coelho Prado, Fernando Novais, José Carlos Sebe Bom Meihy, Circe Bittencourt, Ynaê Lopes dos Santos, entre muitas outras historiadoras e historiadores, além de uma edição especial voltada a experiências de profissionais da área (nosso volume 9, número 2, publicado em 2020). Fica, então, o convite de nossa equipe para a apreciação destes ricos materiais por todos que porventura por eles se interessem!

Seguindo essa tradição, nosso presente número apresenta uma entrevista com a inspiradora e generosa professora Marcella Lopes Guimarães. Marcella é professora associada da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde leciona, pesquisa e orienta na área de História Medieval. Ela é doutora em História (2004) pela mesma universidade e mestra (1999) e graduada (1995) em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Seus estudos concentram-se sobretudo nos temas relativos à Península Ibérica, à França, às literaturas trovadoresca e portuguesa e à crítica literária. A professora foi editora gerente da Revista Diálogos Mediterrânicos, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, Professora Visitante na Universidade de Poitiers (França), ganhou prêmios por sua atuação acadêmica (é autora de *Capítulos de História: o trabalho com fontes*, de 2012, que foi

Marcella Lopes Guimarães

selecionado no PNBE do Professor, e *As Vidas dos Trovadores Medievais: quem foram esses homens e mulheres que cantaram o amor*, de 2021, além de duas coleções de livros didáticos, e coautora de *Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais*, de 2013, e de *Cem Fragmentos Biográficos. A Idade Média em Trajetórias*, de 2020) e literária (é autora de *Menina com brinco de folha*, de 2016, *As árvores e os frutos*, de 2018, e *A língua secreta dos gatos*, de 2022). Além disso, Marcella é animadora de um clube do livro, corredora, autora do blog LITERISTÓRIAS (www.literistorias.org) e mãe de uma menina. Finalmente, sua trajetória é marcada, entre outras questões, pelo trabalho com temas e abordagens ainda pouco explorados na pesquisa universitária, pela interdisciplinaridade (um dos elementos distintivos de seu trabalho), pela importância de programas de incentivo ao estudo e à pesquisa na formação discente e docente, pela desafiadora conciliação da vida profissional com a maternidade e por parcerias internacionais (indissociáveis de sua trajetória e produção acadêmicas).

A agradável conversa com a professora, realizada pelos editores Alonso de Lucena Goulart, Eduarda Fernandes Lima, Vagner Henrique Domingos e Vitor de Lima Gallina, certamente, será inspiradora. Proporcionando reflexões sobre os estudos entre História e Literatura, os desafios no campo da História Medieval e o papel dos intelectuais na contemporaneidade, a professora finaliza esse volume destacando a necessidade da leitura e da formação de leitores. Agradecemos imensamente a participação da Marcella, e deixamos vocês, leitores, com essa maravilhosa entrevista.

Boa leitura a todes!

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

Revista Epígrafe: Bom dia, professora Marcella! Primeiramente, gostaríamos de lhe agradecer por aceitar o nosso convite. Para começar, a senhora poderia falar um pouco sobre a sua trajetória acadêmica, considerando seus caminhos na pesquisa, as instituições pelas quais passou, seus projetos atuais, entre outros aspectos que deseje destacar?

Marcella Lopes Guimarães: Sou uma carioca do subúrbio que passou em 2 vestibulares da universidade pública: Direito (UFF) e Letras (UFRJ). Sorte a minha! Do contrário, nada feito em universidades particulares... Tive tudo o que é tipo de bolsa para permanecer em toda a minha vida universitária. Fiquei!

Depois de 1 semestre, levando as duas faculdades, é claro que preferi Letras. A Literatura expandiu a minha cartografia, de Olaria e Ramos, eu empreendi viagem literária ao Convento de Mafra na companhia de José Saramago e sonhei com Paris, por causa de Gustave Flaubert. A Literatura me capturou primeiro... Então já no 2º ano da faculdade, fui fazer IC, orientada pela Profa. Teresa Cristina Cerdeira. Trabalho sobre Saramago, claro!, fiquei entre as primeiras da minha sessão. No Mestrado, quando tudo parecia que seguiria nessa boa companhia, virei o pescoço na direção da obra de outro português, Miguel Torga, ao seu pouco conhecido livro de contos intitulado *Rua*. Na época, meu trabalho e o do Prof. Linhares Filho “reinavam” entre os poucos no país. Durante o curso, conheci o Prof. Helder Macedo. Professor, poeta e romancista! Ele veio ao Brasil como Professor Visitante e deu uma disciplina sobre as crônicas do português Fernão Lopes. Fui capturada! No fim, já em Curitiba – defendi o mestrado na UFRJ já morando em Curitiba. Viajava praticamente toda semana, às 5as feiras à noite, de ônibus, para conversar com a Profa. Teresa –, conheci aquela que seria minha orientadora de Doutorado, Profa. Fátima Regina Fernandes, e que me

Marcella Lopes Guimarães

acolheria em outra área, a História. Gente, não foi fácil... Como eu conhecia bem o contexto e escrevia corretamente, meu projeto, escrito poucos meses da defesa do mestrado, ficou em primeiro lugar na seleção do PPGHIS/UFPR. Mas eu precisava provar que podia acompanhar o curso de doutorado! Pedi demissão da escola em que trabalhava – emprego recém conquistado pela “estrangeira” em Curitiba... –, uma loucura, para estudar. Felizmente, veio a bolsa e pude perseverar. Escrevi um outro livro durante o meu doutorado, aprendi violão... Fui fazendo várias coisas, porque eu sou uma pessoa que gosta de fazer várias coisas. Eu realmente gosto de fazer várias coisas ao mesmo tempo. Vocês devem ter visto que eu animo um clube do livro há oito anos... Um clube do livro consagrado à literatura. Eu sou a animadora do clube do livro, não a professora do clube. Sou a animadora! Corro há cinco anos com um grupo de mulheres. Sou uma escritora literária. Isso vocês devem ter visto também. Já ganhei prêmio... Então, eu sou aquela que faz várias coisas ao mesmo tempo, e está tudo bem, não estou reclamando, não. Inclusive, adoro! E sou mãe, e sou mãe, mesmo, tá? Minha filha não tem babá, não. Sou eu que cuido, eu que me aborreço (risos).

Foi uma fase rica [a do doutorado], de mudança geográfica, de estado civil e de campo de conhecimento. Vida adulta. No doutorado, eu pude mergulhar na obra que tinha me encantado e que fora apresentada pelo meu querido Prof. Helder Macedo, enquanto eu estava no Mestrado: a obra do cronista português Fernão Lopes. Desenvolvi minha tese; defendi a tese no dia 22 de abril de 2004, diante dos meus alunos do Ensino Fundamental uniformizados, meninos e meninas de 13 e 14 anos, sim, eu voltei para a escola ao final. Ao final, também conquistei um lugar junto à PUCPR, onde fiquei por 6 anos como professora. Eu trabalhei com pessoas incríveis lá, em uma fase ótima da instituição. Desenvolvi projetos, orientei, palestrei por aí.

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

Trabalhei no curso de Letras, pois era afinal mestra em Literatura e, como meu doutorado é em História, trabalhei também no curso de Teologia, com História da Igreja Antiga e Medieval.

E comecei a publicar, a fazer muita coisa na área de História, também na área de Literatura. Eu nunca larguei a Literatura. Essa é a realidade. Vocês sabem que eu trabalho com fontes literárias, que eu acabei de publicar um livro sobre trovadores. E nesse caminho, dois anos depois que eu me doutorei, abriu concurso aqui para a UFPR. Um concurso difícil! Não pelo número de candidatos. Era outra época, eu estou na Universidade Federal do Paraná há dezessete anos (como docente). Então, era outra época. Poucos candidatos, mas candidatos muito bons! Eu disputei com um colega de doutorado, que é um grande professor! Então foi uma disputa aguerrida. E eu entrei, e aí começou minha pesquisa acadêmica na UFPR, na área de História.

Eu entrei e tinha ao meu lado a minha orientadora, professora Fátima Regina Fernandes, meu professor Renan Frighetto, e eles se tornaram meus colegas e são meus grandes amigos! Existe amizade na Academia. Atenção! E amizade verdadeira! Existem pessoas com as quais a gente caminha junto! Existem pessoas com as quais a gente caminha de maneira mais difícil, é verdade, e existem pessoas com as quais a gente caminha com prazer! Vocês sabem, talvez saibam, que eu chamo, academicamente e pessoalmente, a professora Renata Cristina de Sousa Nascimento, professora da UFG, de irmã! Nós nos tratamos assim em eventos científicos, e nos consideramos assim! E não somos irmãs de sangue, né? E sou pequenininha, tenho 1,60m e ela, 1,80m (risos). Então, é assim. Acabei de fazer o caminho brasileiro de Santiago de Compostela, em Florianópolis, 18 quilômetros, ao lado dela! Somos

Marcella Lopes Guimarães

amigas, somos parceiras intelectuais. A professora Fátima, que foi a minha orientadora, é minha grande amiga, minha grande parceira intelectual!

E, nesse caminho de parcerias, em 2011 um colega da França, professor Stéphane Boissellier, da Universidade de Poitiers, se aproximou de nós. Não foi um movimento nosso. É interessante isso! Ele se aproximou de nós pelo estudo de Portugal Medieval. E ele veio para o Brasil, conheceu a gente... E desse movimento dele surgiu uma grande parceria intelectual e uma grande amizade! Em 2011, eu fui para a França, a convite dele. Fiquei uma semana, participei de duas atividades acadêmicas lá. Era dezembro: muito frio...! É uma cidade pequena, em que você faz coisas muito a pé, né? Então, se fazia muitas coisas a pé, com aquele frio... Voltei muito doente, sabe? Mas tudo bem! Fiquei bem! Depois eu participei, em 2013, de um edital internacional publicado na Universidade de Poitiers. Essa do Stéphane! Mande um dossiê para candidatura de professora visitante, um pouco sem esperança, porque era uma chamada internacional! Mas naquela época o Brasil também vivia um outro momento histórico, sabe? Havia uma curiosidade sobre nós, havia um desejo de falar com a gente..., sabe? E a gente estava tagarela, a gente estava feliz. E aí o meu dossiê ficou em primeiro lugar! E eu fui! Só que em 2013 o dossiê passou, em 2014 eu fui, mas a minha filha Maria Clara era muito pequena.

Então, eu não fiquei seis meses, eu fiquei quarenta dias. Trabalhei muito nesses quarenta dias, mas eu não podia ficar mais, porque eu decidi ser mãe! Minha filha nasceu em 2008. Eu tinha e tenho uma rede muito boa, muito, mesmo! Em 2008, eu pude contar com a ajuda de minha mãe, que veio para cá [Paraná], me ajudou... Depois minhas irmãs... Eu tenho uma irmã mais velha que me dá um apoio muito grande quando eu preciso! Minha irmã mais nova também! Isso é muito importante

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

dizer, tá?! Porque o pesquisador, homens e mulheres, mas sobretudo as mulheres... A maternidade, ela impacta a nossa vida, nossa carreira, de maneira muito forte... Mas vocês devem ter visto uma coisa engraçada no meu *Lattes*: eu me tornei muito mais produtiva depois que Maria Clara nasceu! Eu acho que é meio por desespero..., tá? Eu me lembro que eu colocava ela para dormir, depois do almoço, ela dormia e eu ficava com ela no colo. E aí eu calculava: tenho duas horas para escrever! E aí eu me sentava, e eu escrevia! Eu preparava aula, eu escrevia... Era alucinante! E aí foi uma coisa muito engraçada, porque eu desenvolvi uma capacidade muito grande de concentração e de escrita. Para vocês terem uma ideia, em 2013 eu escrevi dez livros! Uma coleção inteira de livros didáticos voltados para crianças! Enquanto eu concorria para esse edital internacional! Por que isso? Porque eu tinha uma atenção e um foco alucinantes! A maternidade faz isso, sabe? É uma coisa doida! E quando ela acordava, eu dizia assim: *okay*, fechou. E aí eu cuidava dela, botava brinquedos no escritório, aquela coisa... Quando meu marido, na ocasião, chegava, ele pegava junto, sempre foi um homem de pegar junto, mas trabalhava ao longo do dia, né? E aí eu ia produzir à noite, o que é completamente contra a minha biologia. Eu sou uma pessoa do dia. Eu não sei vocês... Eu acordo muito cedo. Hoje eu acordei às 5:30h, e numa boa, tá? Acordei às 5:30h, fui fazer o café, sabe? Fui ler *Moby Dick*, porque o clube do livro agora está lendo *Moby Dick*, então a Clarinha acordou, minha companheira acordou... fomos tomar café, aquela coisa, né? Aí já começa o dia. Então, eu sou uma pessoa do dia! Quando ela ia dormir, quando era pequena, ia eu produzir. E tinha que ter foco, atenção... E aí produzia muito, na verdade! Produzia muito, depois que ela nasceu. Mas eu queria destacar que a maternidade impacta muito a gente. Demais! E como a maternidade ficou uma coisa muito depois na minha vida — eu já tinha 35 anos, né?

—, fiquei sem tempo de ter mais [filhos]. Mas ela é uma filha única que vale por três, ein? Atenção (risos)!

Voltando para a minha experiência na França, eu fui professora visitante, dei aula, participei de eventos na França, tive uma interlocução muito boa com meus colegas, aí voltei para o Brasil, continuei com essa interlocução, me tornei coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História (na verdade, eu fui vice antes, tive uma participação muito ativa nos fóruns). Mas antes, gostaria de destacar uma coisa: entre 2015 e 2016, vocês devem ter visto que eu participei de maneira muito aguerrida da redação da *Base Nacional Comum Curricular*. Eu fui à Brasília, fui à Brasília na época do governo Temer... me sentei com Mendonça Filho, entreguei um dossiê enorme para ele (que ele deve ter sei lá o que feito, né?), um dossiê sobre a importância do estudo das temporalidades longas na formação de crianças e jovens, falei (falei sem beber água) uma hora na cara dele, e... (fui bem-tratada, atenção, fui bem-tratada, não fui tratada com truculência, nada disso, e fui tratada com todos os pronomes e títulos, disso eu não posso dizer... seria desonesto, né?)... e depois continuamos a trabalhar muito, até a redação final da *Base*, falamos bastante sobre o novo Ensino Médio... Então eu me tornei vice-coordenadora do Programa de Pós, e depois coordenadora do Programa, participei de todos os fóruns de coordenadores, de maneira muito ativa. E em 2019 eu preparei com muito cuidado a minha ida à França, para passar um ano inteiro, [o ano] de 2020, para poder trabalhar com uma documentação que eu conheci em 2014 (atenção!). Eu conheci uma documentação e guardei essa documentação, com carinho, porque eu disse assim: '*Nossa, isso aí... isso é uma coisa delicada, isso é uma coisa importante*', que eram os livros dos trovadores, as biografias dos trovadores.

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

Nesse caminho também, eu comecei, parei e guardei, o trabalho com os inventários de bibliotecas principescas, fui mexer nos inventários das bibliotecas do Duque Charles d'Orléans, traduzi dois longos poemas dele, não publiquei, disse '*deixa isso aqui*'. E aí, preparei em 2019 essa ida para a França, consegui um recurso no edital CAPES PRINT, peguei minha filha, disse '*vamos para a França, minha filha*', e aí fomos. Cheguei no dia 01 de janeiro de 2020, viajei no dia 31. Trabalhei muito em janeiro no laboratório que me recebeu, que foi o laboratório com quem tenho contato desde 2011, conheci e reconheci muita gente, fui muito bem recebida, ainda que o contexto tenha sido outro, e a curiosidade sobre o Brasil e a interlocução com os brasileiros estivesse bastante toldada, pela tristeza em que a gente vivia. Mesmo assim, eu trabalhava todo dia e minha filha ia todo dia para a escola pública francesa, ela havia estudado francês por um ano, obviamente que era pouco, mas ela aprendeu na marra, foi adotada pelos refugiados, ela brasileirinha, saía com as crianças refugiadas para ir ao shopping.

Enfim, moramos na residência universitária, eu e ela, num apartamento de um quarto, em fevereiro trabalhei muito, até que começamos a ficar assustadas, eu principalmente, ao ver o avanço de uma doença nova, e que começava a matar na Itália. Nós fomos passar uma semana numa estação de esqui, a convite desse meu amigo Stéphane Boisselier, grande amigo, parceiro, que nos deu de presente, nós brasileiras que nunca tínhamos visto neve, uma semana em uma estação de esqui, ele foi com as crianças dele, eu fui com minha criança. Como eu disse a vocês, amizade intelectual, amizade verdadeira, nos consideramos irmãos também! E conversávamos sobre pesquisa, sobre criação de filhos, aquelas coisas, e eu comprava jornal, jornal impresso, e via aquela situação. Voltamos da estação de esqui em TGVs lotados, TGVs que vinham da Itália, e eu comecei a ficar muito angustiada.

Marcella Lopes Guimarães

Muito! Em março, a movimentação foi muito rápida, a COVID começou a chegar na França, chegou por Estrasburgo, não chegou pela Itália, chegou por Estrasburgo, e nós estávamos do outro lado, na Nova-Aquitânia (a região de Estrasburgo é completamente oposta).

E aí eu comecei a pegar todos os livros que eram possíveis na biblioteca, eu não tinha quota, eu levava bolsas de livros para o meu pequeno apartamento, eu comecei a me munir de livros e disse *'vai acontecer alguma desgraça'*, as fronteiras começaram a ser fechadas na Itália, e até que eu disse assim: *'as fronteiras vão ser fechadas aqui, a gente não vai conseguir viajar, nós vamos ficar presas'*. E foi assim, em março, nós estávamos aguardando, eu já tinha uma imensa quantidade de livros no meu apartamento, já tinha coisas que eu tinha fotografado e nós ficamos presas, eu e minha filha. Eu podia sair, minha filha não, por uma hora, uma vez por semana, baixando um aplicativo, e o mercado mais próximo ficava a dois quilômetros, e eu podia segurar duas bolsas e ir até o mercado. Não tinha máscara, gente, não tinha máscara, era uma coisa muito alucinante sair. Aí um pessoal de igreja começou a fazer umas máscaras de pano para serem distribuídas para estrangeiros e refugiados, e eu fui, num estacionamento, pegar duas máscaras de pano, uma para mim e uma para minha filha, aí eu passei a usar para ir ao mercado. A gente fazia educação física todo dia no apartamento, a gente seguia uns brasileiros que faziam ginástica, eu e minha filha dançávamos no apartamento, todo dia eu dizia para ela: *'filha, só pode ter férias da ginástica uma vez por semana, todo dia a gente tem que se mexer'*, e eu sou uma pessoa que faz muita atividade física. A minha filha não pôde ser repatriada em abril, naquela ocasião meu marido tentou repatriar nossa filha, e não conseguiu. Nós somos cidadãs europeias, mas mesmo assim, não foi possível repatriar minha filha, ela ficou comigo.

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

E aí no segundo semestre conseguimos voltar, foi muito difícil, um voo rocambolesco, passando pela Espanha. Antes disso, em junho, eu havia terminado a tradução de todas as biografias, era um projeto para um ano, mas acho que eu trabalhei de uma maneira tão alucinada, que eu tinha terminado tudo em seis meses, e aí olhei para essa documentação e pensei: *'Eu posso ir mais longe, eu posso propor ensaios críticos sobre essa documentação'*. E aí continuei escrevendo, continuei pesquisando com aqueles livros, e no momento em que eu pude sair, comecei a voltar para a biblioteca, eu devolvi aquilo tudo, comecei preparar a minha volta para o Brasil, e voltei no final de 2020. Em 2021, lancei a versão digital do meu livro, em outubro, é um livro que custa menos de dez reais, vocês sabem disso, eu fiz de tudo para o livro ficar acessível aos meus alunos. E aí fizemos, a pedido do meu editor, uma edição impressa linda, mas que é cara, mas é impressa, para quem gosta de papel. Eu leio no meu *Kindle*, eu sou uma alucinada pelo *Kindle*, tenho oitenta livros aqui!

E voltei para o Brasil, para aprender aquilo que meus colegas já tinham aprendido: dar aula online, eu não sabia ainda, mas aprendi como eles, meio na marra. Voltei para as minhas atividades docentes, lancei em outubro a versão digital, em dezembro, num lançamento presencial, ainda com máscara, mas coletivo, na sede da Academia Paranaense de Letras, lancei a versão impressa do meu livro. Em 2022 lancei um livro literário, mais um livro literário para crianças, eu gosto muito de escrever para crianças a minha literatura, embora eu também tenha contos para adultos, mas a minha obra literária que mais gosto é para crianças, me sinto muito feliz, sou criança de novo quando escrevo para elas.

Um detalhe importante: no final de 2020 me tornei pesquisadora CNPq, era um grande sonho, pedi cinco vezes, e eu desejei ser pesquisadora, desejei ser bolsista

Marcella Lopes Guimarães

CNPq. Às vezes escutava as pessoas dizerem: *'Ai, nem quero'*. Não, não! Mas eu quis! (risos). Eu pedi 5 anos, aí meu projeto sempre era aprovado, mas não havia recursos. E em 2020 eu entrei na lista, fiquei muito feliz, foi a realização de um grande sonho! E agora, acabei de escrever um projeto novo, tentando renovar minha bolsa, é um momento importante para mim, porque eu entrei nesse grupo e agora eu quero me manter lá, pelo menos por mais alguns anos. Como eu falei para vocês, eu tenho quarenta e nove anos, me sinto muito produtiva, me sinto muito capaz, mas não sei o que vai acontecer, ainda tenho mais treze anos para me aposentar, por conta das mudanças feitas na época do governo Temer, a minha carreira ia até uma certa idade e foi bastante alongada. Me sinto capaz de lidar com esse alongamento da carreira, mas foi uma coisa que também atravessou os planos.

Eu me vejo como uma pesquisadora da área de História Medieval, bastante consciente da importância formativa dos estudos das temporalidades longas, sou uma militante disso, adoro dizer isso! E sou uma alucinada pela literatura, trabalho com fontes literárias, acho que as fontes literárias me dão respostas que eu não vejo em parte alguma, só elas me segredam coisas. Eu sou uma leitora voraz, sempre leio, não saio de casa sem livros, no meu carro tem livros, porque eu não posso ficar esperando num lugar sem livros, eu tenho mania de ler. Ontem eu fui fazer um tratamento com a osteopata, porque eu tô com um probleminha no meu pé direito, por conta dos treinos, e aí saindo de casa eu falei: *'Será que eu levo um livro?'*, e aí minha filha: *'Mas é claro, se você tiver dez minutos para esperar, mãe, você lê'*.

Queria dizer uma coisa para vocês, porque antes eu disse que *'Quando mudei de área eu não sabia muito as consequências institucionais disso'*, quero dizer para vocês que a Academia é muito conservadora, então eu lidei com problemas na hora de fazer

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

concurso. Os concursos diziam assim: ‘*Graduação e Doutorado em História*’ e aí eu tinha doutorado em História, mas não tinha graduação em História, aí os concursos na área de Letras: ‘*Graduação e Doutorado em Letras*’, bem, eu tinha Graduação em Letras, mas não tinha Doutorado em Letras. Então, esses “amarradinhos”, sabe? Ainda que a gente defenda a transdisciplinaridade, a Academia ainda é muito conservadora para uma formação interdisciplinar. Na UFPR, o meu departamento é bastante transdisciplinar, me acolheu bem, mas eu vejo por aí, vejo alunos com uma formação parecida com a minha e penso: ‘*Caramba, talvez meus alunos tenham problemas*’, por conta disso, sabe? Então, é uma coisa que eu me bato e combato (risos), tem consequências institucionais. Mas eu acho que a gente tem que fazer aquilo que nós queremos, eu tinha uma trajetória na Literatura Portuguesa, e veja bem, continuo participando da *Cátedra José Saramago*, todo ano eu apresento trabalho com meus colegas de Literatura Portuguesa. Eu continuo colaborando com o *Jornal Rascunho*, eu colaborei por quatro anos, sistematicamente, com esse jornal de Literatura, fazia resenhas de produção contemporânea portuguesa, e de vez em quando eu ainda publico. Ano passado publiquei dois textos, um sobre *Albert Camus* (1913-1960) e um sobre a *Júlia Lopes de Almeida* (1862-1934) que, como vocês sabem, é uma escritora brasileira, que nasceu no final do século XIX e viveu até os anos trinta, por quem eu me apaixonei, eu li muitos livros da Júlia, e li durante a pandemia, descobri a Júlia tarde, uma brasileira extraordinária, que foi uma das fundadoras da *Academia Brasileira de Letras* e porque era mulher, não ficou, mas teve uma carreira de sucesso. Então, eu que li muito, e meu amigo Rogério Pereira que é o editor do *Rascunho* me disse ‘*Marcella, escreve aí um texto sobre a Júlia*’, e eu disse ‘*Claro!*’, sou apaixonada pela Júlia.

Marcella Lopes Guimarães

Então eu continuo escrevendo sobre Literatura, continuo pensando a Literatura, lendo e amando a Literatura, mas sou uma historiadora. Oriento trabalhos na área de História, tenho vários orientandos, já formei quadros, meus alunos estão por aí, fazendo a vida deles. Alunos egressos meus que são professores no ensino fundamental, tenho muito orgulho disso, são doutores que estão no ensino fundamental. Atenção! Maravilha para os jovens e para as crianças. E tenho também egressa que é professora da Universidade Federal da Bahia, professora Carmem Lúcia Druciak, medievalista também. Então, assim, acho que ainda tenho lenha para queimar, espero que sim (risos), e falo demais, né? vocês viram, sou uma contadora de histórias (risos). Acho que é isso que eu sou, uma contadora de histórias.

Revista Epígrafe: Maravilha, professora! De fato a senhora contemplou já muitas coisas que íamos perguntar (risos). Eu vou só destacar um tópico: a senhora disse que foi editora gerente da revista *Diálogos Mediterrânicos*. Poderia falar um pouco desse processo e da importância das revistas acadêmicas? E puxando um pouco para o nosso lado, o que a senhora acha das Revistas Acadêmicas de Graduação e voltadas para a Graduação? Sobre seu impacto, importância...

Marcella Lopes Guimarães: Sim, são ótimas perguntas. Eu fui editora gerente da *Diálogos*, é uma revista ligada ao laboratório NEMED, o Núcleo de Estudos Mediterrânicos, de que sou parte, o núcleo existe há pouco mais de vinte anos. Eu fui a primeira defensora de uma tese de doutorado dentro desse grupo, esse Núcleo foi fundado pela professora Fátima [Fátima Regina Fernandes] e pelo professor Renan [Renan Frighetto], depois esse núcleo se sentiu forte para fundar uma Revista, e aí o professor Renan foi o primeiro editor, depois acho que eu fui a segunda, não sei direito.

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

Uma Revista Acadêmica é um trabalho muito grande e é um trabalho que a gente faz para os outros e pela área, tá? Não é para nós, porque quando a gente é editor a gente não publica na revista, então nem adianta alguém pensar, porque talvez o senso comum pense isso, *‘Ah eles estão de editores da revista para desovar a produção deles’*. Mentira! Ledo engano para nós, a gente não pode publicar, então a gente faz um trabalho para os outros e pelos outros, porque a gente acha que é importante um veículo em que sejam publicados bons textos, boas pesquisas, bons artigos, boas resenhas, e que a gente possa propor a pessoas interessantes a elaboração de dossiês diferentes, e é um trabalho voluntário, ninguém ganha para isso, a gente trabalha para os outros, é uma coisa da nossa carreira que é muito diferente, né? Cá entre nós (risos).

Mas eu acho essencial, e acho essencial porque as revistas brasileiras são revistas de acesso aberto, a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo. E isso é uma coisa muito brasileira, porque nós sabemos que existem revistas “banbanbans”, em que se paga para publicar e que se paga para ter acesso. Então, eu tenho muito orgulho do trabalho que a gente faz aqui, sem contar os bancos de teses, né? Nem falamos sobre isso, porque é uma coisa que nós no Brasil temos, a França não tem isso, a gente fica glorificando... Eu, em 2020, entrei em contato com pesquisador que tinha defendido a tese dele na *École de Chartes*, e eu precisava da tese dele, e a criatura escreveu para mim dizendo assim *‘Ah, muito obrigado pelo seu interesse mas como vou publicar, não posso te mandar a tese’*, nesse nível, enquanto nós colocamos tudo em acesso aberto. Então as revistas são isso, são uma força democrática.

Eu começo as minhas aulas de História Medieval dando para os meus alunos um tutorial de pesquisa sobre Idade Média. Eu coloco revistas, blogs, coisas que eu já vi que são boas, porque também a gente precisa ensinar nossos alunos a pesquisar. Aliás, em 2018 eu apresentei uma conferência em Cabo Verde, sobre três desafios para o professor, e um dos desafios para mim era educar para a pesquisa, e eu continuo acreditando nisso. Então as revistas são o que alimentam a boa educação para a pesquisa. Eu acho as revistas essenciais, e eu acho que a gente precisa ter bons editores, que convidem pessoas para fazerem dossiês bem ousados, bem diferente, eu acho que a gente precisa ter traduções nas revistas, eventualmente um número que ofereça, assim, uma tradução de fonte primária pela primeira vez em português, aí você publica lá e todo mundo vai ler, super legal. Um número em que apareça uma entrevista, com um pesquisador que fale sobre sua trajetória e que possa inspirar alguém. Gente, nós todos fomos inspirados por alguém, por vários alguéms, não é? E sem sermos vaidosos, às vezes uma palavra nossa pode fazer uma diferença danada em alguém que está meio desanimado, e de repente lê alguma coisa e diz '*Puxa, eu também*'. Eu, por exemplo, tive o prazer de entrevistar o meu colega Martin Aurrel, que foi diretor do *Centre d'Études Supérieures de Civilisation Médiévale*, que é o laboratório que me acolheu. Então traduzi, publiquei a entrevista e ficou linda, o Martin Aurrel também é um estrangeiro, ele é catalão, foi para a França, fez a carreira dele lá, eu achei que era bacana falar sobre isso.

Então, as revistas são veículos maravilhosos. As revistas que publicam trabalhos de alunos da graduação são revistas importantes, e vou dizer para vocês porquê. Porque, não raro, essas revistas acolhem trabalhos muito bem realizados de Iniciação Científica, trabalhos que introduzem questões, muitas vezes nós professores dizemos assim: '*Puxa vida, está faltando um texto que fale sobre um tema*', porque a

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

gente já escreveu algumas coisas, que estão lá em outro lugar, e falta alguém que faça um belo arrazoadado, sobre um tema específico, e as revistas que publicam os primeiros exercícios de pesquisas, de alunos de Graduação, elas oferecem uma rara oportunidade de já publicizar uma pesquisa, que foi avaliada, numa linguagem que muitas vezes é muito mais acessível para o aluno que está começando, e ele vai ler e vai se encontrar naquela linguagem, numa maneira de apresentar os textos, os temas, de uma maneira que eu acho que é relevante, sabe? Além de dar a oportunidade de publicar pesquisas que são feitas na Iniciação Científica, resenhas! Eu sou uma entusiasta das resenhas, eu acho que são muito importantes, eu publico um monte de resenhas no meu blog, porque eu adoro escrever resenhas e eu tenho um blog, com quase 150 textos, e muitos desses textos são resenhas, de obras literárias, de obras que não são literárias, de filmes, exposições, coisas que eu gosto, escrevo, e acho que são importantes. Então, as resenhas, os artigos, além da oportunidade de publicizar e dar visibilidade à Iniciação Científica, oferecem também uma oportunidade de oferecer uma pesquisa que dialogue mais diretamente com os interesses de quem está na graduação.

Revista Epígrafe: Geralmente, os temas de nossas pesquisas têm relação com nossa vida pessoal. Qual sua ligação com os “trovadores medievais”? Outra questão, ao falar sobre a sua área de atuação, essa intersecção entre História e Literatura, é necessário possuir conhecimentos em ambas as disciplinas? E como você percebe essa questão, tendo em vista que a Academia ainda é conservadora? Por último, você mencionou estar envolvida em um novo projeto. Poderia falar um pouco mais sobre ele?

Marcella Lopes Guimarães

Marcella Lopes Guimarães: Eu sou uma leitora de poesia. Adoro poesia! Leio poesia há muitos anos, e os trovadores têm estado na minha vida durante todo esse tempo. Desde que me formei em letras, comecei a conhecer a obra de D. Dinis, Pero Meogo e Martim Codax. E esses trovadores galego-portugueses me conduziram aos trovadores do domínio linguístico occitano. Comecei a ler a poesia desse domínio em boas traduções e a me interessar pelo occitano, que percebi ser muito parecido com o galego-português. Iniciei pequenos exercícios de tradução e discussão mais aprofundada, usando traduções já feitas em português, quer fossem em prosa ou verso, como as de Augusto de Campos.

Quando publiquei o meu livro na versão impressa, fiz questão de entrar em contato com o grande poeta e tradutor Augusto de Campos para perguntar se ele gostaria que eu lhe enviasse um exemplar. Ao que ele respondeu: *'Claro, Marcella!'* Depois, recebi uma resposta encantadora dele, dizendo que agora eu fazia parte da estante dos trovadores, na biblioteca dele. Senti-me como se estivesse na casa de Augusto de Campos, morando na prateleira dos trovadores. Sendo assim, sou uma amante da poesia, você está certo! A poesia está profundamente enraizada na minha vida. Tenho minhas poetisas favoritas, como Rosália de Castro, Cecília Meirelles e Fiana Hasse Pais Brandão. Falei de uma poetisa galega, Rosália, de uma poeta portuguesa, Fiana, e de uma poeta brasileira, que é Cecília. Descobri trovadoras, mulheres notáveis!

Eu tive a felicidade de possivelmente ter sido a primeira a traduzir a primeira cantiga do domínio linguístico occitano, de amor cortês, escrita por uma mulher para outra mulher. Essa tradução foi publicada, e em seguida, meu colega Guilherme Gontijo Flores também a traduziu. Agora temos duas traduções disponíveis.

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

Adoro traduzir, embora ache que seja uma tarefa muito difícil. No entanto, é essencial trazer para a hospitalidade linguística da nossa língua textos desafiadores, que desejamos que as pessoas também apreciem, pois eles transmitem mensagens importantes. Traduzir é ainda mais significativo aqui no Brasil, onde o estudo de línguas estrangeiras muitas vezes é elitizado. Comecei a estudar francês quando já era adulta, pois meus pais não podiam pagar pelo curso, de jeito nenhum! Continuo a estudar francês até hoje, uma língua que aprendi na fase adulta, então eu preciso continuar a praticar. Todas as terças-feiras de manhã, tenho uma hora de aula com a minha professora, onde falo, escrevo e pratico para não esquecer. Obviamente, mantenho muita interlocução na França. No entanto, continuo praticando e estudando. Portanto, a poesia faz parte de mim.

E sou historiadora e trabalho com biografias há muitos anos. Quando descobri as biografias desses trovadores e percebi a falta de traduções para o português, pensei que precisava fazê-las. E assim o fiz! Poderia ter continuado nesse caminho, explorando os trovadores, já que ainda há muito a ser explorado. No entanto, em 2017, comecei paralelamente a examinar os inventários das bibliotecas dos príncipes.

Então, examinei o inventário da biblioteca do rei de Portugal, Dom Duarte, que está registrado nos Livros dos Conselhos, e é um inventário muito interessante, composto por cerca de 80 livros. Dom Duarte possuía oitenta livros pessoais. Nesse mesmo período, também me familiarizei com a obra do poeta Charles d'Orléans, um poeta que, em 1415, foi capturado na Batalha de Azincourt, e viveu 25 anos em cativo na Inglaterra. Ele era jovem, um nobre, claro, que participou da batalha e foi capturado. Além de sua notável carreira militar, Charles d'Orléans foi um grande poeta. Traduzi uma parte de sua obra e descobri que ele também tinha uma

biblioteca. Assim, decidi comparar o inventário dele com o de Dom Duarte e encontrei livros semelhantes.

Percebi a circulação dos livros e do conhecimento nessas bibliotecas, que a gente precisa estudar! Guardei essa percepção e, agora, decidi enfrentá-la. Escrevi um projeto sobre bibliotecas principescas que abrangem Portugal, Castela e França, incluindo os inventários das bibliotecas do Rei Dom Duarte, do Infante Santo Dom Fernando, o inventário da biblioteca do Marquês de Santillana — um grande intelectual medieval —, o inventário do Conde Haro, além do Duque Charles d'Orléans, que li em 2017. Meu objetivo com esse projeto é explorar a questão da circulação do conhecimento e do saber por meio dos livros, considerando também a ampla rede de produção de livros nas oficinas, que continuou pelo menos até os primeiros incunábulos.

Dessa forma, pretendo reunir nos próximos três anos o maior conjunto possível de inventários dessas bibliotecas, porém, desejo também destacar algumas individualidades para realizar um trabalho mais qualitativo sobre a relação de alguns grandes letrados com seus livros. Assim, por um lado, esse levantamento em grande escala serve para compreender o que constituía a biblioteca dos príncipes. Por outro lado, há um interesse específico em investigar a relação dos letrados com seus livros. Para isso, escolhi seis letrados, sendo dois portugueses, dois castelhanos e dois franceses, que viveram na mesma época.

E há muitos anos trabalho com a abordagem da História Comparada. Portanto, falar das bibliotecas sob a perspectiva da História Comparada é uma continuação desse universo dos saberes letrados, dos saberes cultivados e dos domínios linguísticos já vernáculos. Embora essas bibliotecas contenham vários livros e

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

manuscritos em latim, meu interesse principal está nos livros medievais dessas bibliotecas. Por exemplo, algo que já vi, como é impressionante a circulação das obras de Boccaccio nas bibliotecas principescas! Boccaccio era um *best-seller* (risos) medieval, simultaneamente produzindo e sendo lido. Isso é incrível! Naquele momento já existiam traduções de suas obras na Península Ibérica.

Sendo assim, tenho um grande interesse em compreender como os livros circulam e o que nutre o intelecto desses letrados em termos de leitura. A razão pela qual escolhi explorar a relação específica e qualitativa de alguns indivíduos com os livros é porque essa relação se manifesta de maneira notável em suas obras. Portanto, este é o foco da minha pesquisa atual, e estou entusiasmada com isso. E você pode estar se perguntando: se vou deixar de lado os trovadores? Nunca! Eles são meu povo, minha gente. As trovadoras, essas mulheres impressionantes que não assinavam com pseudônimos, são reveladas nos cancioneiros. Sabemos que eram grandes damas do Midi, no sul da França, envolvidas nas cortes. Deve ter sido incrível conviver com essas personalidades! Tenho meus melhores amigos nessas cortes do Midi, tá? Confesso (risos).

Revista Epígrafe: Professora, aproveitando os comentários sobre História Medieval, gostaríamos que a senhora compartilhasse um pouco dos desafios de ser Historiadora de um período que “não existe” no Brasil. Não temos muitas fontes e não possuímos uma História Medieval do Brasil. Sendo assim, gostaríamos de saber como é ser medievalista no Brasil, considerando os desafios e as perspectivas. Além disso, se pudesse falar um pouco sobre o “sequestro da Idade Média” pelo conservadorismo, algo que está muito em voga, especialmente a partir dos usos dos símbolos e das ideias sobre as Cruzadas, entre outros.

Marcella Lopes Guimarães

Marcella Lopes Guimarães: Em primeiro lugar, o desafio de ser um medievalista ou uma medievalista brasileira começa com a necessidade de não considerar que se trata de um campo já consolidado, e por isso não requer defesa. Isso é válido mesmo dentro da nossa área de História. O começo envolve, portanto, a tarefa diária de consolidar esse campo de pesquisa. O Brasil conta com excelentes medievalistas! Muitos dos quais fazem parte de gerações anteriores à minha. A minha geração se beneficiou dos esforços desses medievalistas pioneiros. Apesar de ser um campo de pesquisa com recursos limitados, sou uma pesquisadora com bolsa, o que significa que o governo brasileiro considerou importante financiar minha pesquisa. Isso é significativo, pois demonstra que o campo está consolidado. No entanto, isso não implica que não devemos continuar a defendê-lo. Porque vira e mexe a gente precisa!

Na primeira redação da *Nova Base Curricular*, o estudo da Idade Média tinha desaparecido da vida das crianças brasileiras. Desaparecido! Isso ocorreu porque, tradicionalmente, o Brasil não é associado à Idade Média, como se os homens e mulheres que chegaram ao Brasil durante as campanhas portuguesas fossem representantes do Renascimento. Muito longe disso! Uma vez que o próprio Renascimento é, em certo sentido, um fenômeno que se desenvolveu a partir da Idade Média. Portanto, ao considerarmos a base de formação da legislação brasileira, o corpus legislativo, e o domínio linguístico trazido pelos portugueses, encontramos uma língua já consolidada a partir do vernáculo galego-português.

Portanto, a nossa língua é uma língua de memória, com uma rica densidade histórica. Então, o fato de não termos tido uma corte medieval francesa aqui não significa que este tema de pesquisa não seja legítimo neste país. Como um tema

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

acadêmico-científico reconhecido neste país, ele é tão legítimo quanto qualquer outro campo de estudo. Iniciei minha carreira estudando Literatura Portuguesa no Brasil, e é importante lembrar que a literatura portuguesa é muito mais lida no Brasil do que em Portugal. É óbvio, né?

José Saramago sempre estava por aqui. Seus leitores eram, em grande parte, brasileiros. Somos nós, brasileiros, que carregamos essa língua e esse patrimônio. Lembro-me do professor Saul António Gomes (1963-) dizendo, aqui no Brasil, que o futuro da história medieval portuguesa estava também em nossas mãos. É claro!

Portanto, temos um campo consolidado e tão legítimo quanto qualquer outro. E oferecemos interlocução aos nossos colegas estrangeiros com a maior naturalidade. Eu trabalho com um colega que estuda a Inglaterra Medieval, enquanto eu me dedico ao estudo de Portugal, Castela e França. O professor Renan Frighetto se concentra na Antiguidade Tardia — especificamente, Isidoro de Sevilha. Devemos evitar ser utilitários quando se trata de ciência ou Academia, caso contrário, teremos uma vida científica muito apequenada neste país.

Temos, portanto, que continuar trabalhando na consolidação do campo da História Medieval, e não achar que ele esteja consolidado. Não, não, não! Pois de tempos em tempos, até mesmo nossos colegas questionam sua relevância. Pois existe uma disputa de poder em várias áreas. Quero lembrar que, em várias discussões sobre a *Base Nacional Comum Curricular*, nós, medievalistas, fomos preteridos ou excluídos das discussões. Até mesmo os antiquistas tiveram mais representatividade do que nós. Isso é algo que não vou esquecer. Pois somos historiadores, e embora esqueçamos algumas coisas de vez em quando, afinal, não

Marcella Lopes Guimarães

somos Funes o Memorioso [personagem de Jorge Luis Borges, do conto, *Funes, O memorioso*] (risos), devemos lembrar do que é importante.

Sobre o sequestro da Idade Média. Esse sequestro é duplo! Uma parte da esquerda detesta a Idade Média, pois tudo o que é negativo acabou se tornando sinônimo de medieval. E uma parte da direita ama a Idade Média que eles inventaram. Isso é bastante preocupante. Outro dia, enquanto conversava com meus alunos da Graduação, eu comentei com a turma que, no dia primeiro de agosto, o Supremo Tribunal Federal decidiu por unanimidade que o uso da tese da legítima defesa da honra nos casos de feminicídio é inconstitucional. Isso marca um momento histórico e aproveitei para discutir esse assunto com meus alunos. Aí trouxe um trecho do discurso da ministra Rosa Weber, no qual ela afirma o seguinte: *'Não há espaço no contexto de uma sociedade democrática, livre, justa e solidária, fundada no primado da dignidade da pessoa humana, para a restauração de costumes medievais e desumanos do passado, pelos quais tantas mulheres foram vítimas da violência e do abuso, devido a uma ideologia patriarcal fundada no pressuposto da superioridade masculina'*. Notem, não se trata de nenhuma restauração, pois essa tese estava sendo usada há poucas décadas. Então, para que serve o uso do adjetivo 'medieval'? Ele se tornou algo indiscriminado, e a questão é: o que queremos dizer quando usamos esse adjetivo para nos referir a coisas reprováveis no presente? Entende? Portanto, nos dois lados (esquerda e direita), e até mesmo dentro das instituições, afinal, estamos falando de uma ministra do Supremo, pela qual eu tenho maior respeito, inclusive gostaria de me sentar com ela para entender isso.

A direita inventou uma Idade Média para ficar brincando o carnaval o ano inteiro. Eu adoro carnaval, sou carioca. Não tem nada demais você se fantasiar no

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

carnaval. Entretanto, talvez a direita tenha um calendário carnavalesco diferente das demais pessoas, pois eles se fantasiam o ano inteiro com uma fantasia que eles mesmos criaram. Com a Idade Média que eles criaram.

Portanto, a pesquisa científica precisa contribuir para revelar o engodo presente nesses casos, a fim de mostrar que essas fantasias ou apropriações precisam ser contextualizadas. Esses fenômenos já ocorreram e, inclusive, a Idade Média já chegou ao fim. O que nós, homens e mulheres, historiadores fazemos é buscar entendimento sobre as formas de vida de pessoas do passado. Muitas de suas decisões influenciaram outras pessoas posteriormente e tiveram impacto em nosso presente. Afinal, não estamos desconectados. No entanto, não existe uma linha direta entre esse passado e o presente. Existe, sim, um conjunto de decisões que foram tomadas por eles e elas, e devemos tentar compreender como eles e elas resolveram os desafios.

Acredito que a História seja uma grande reserva de soluções e problemas para o mundo. Olhar para o passado e ver como homens e mulheres lidaram com desafios, medos, a natureza, os animais, o amor, o sexo, os sonhos, a inimizade, o ódio e a inveja se torna muito interessante. Pois essas soluções que eles encontraram também fazem parte de nossa formação. Afinal, tanto eu como mulher, quanto você como jovem mulher, somos produtos de uma densidade temporal. Não permitamos que ninguém reduza nossa riqueza temporal.

Revista Epígrafe: Maravilha, professora! Seu livro [*As Vidas dos Trovadores Medievais: quem foram esses homens e mulheres que cantaram o amor*] recupera muitas biografias de indivíduos que viveram durante o período conhecido como Idade Média, o que possibilita uma série de análises a partir desses textos, especialmente no

Marcella Lopes Guimarães

campo da História. Você poderia compartilhar um pouco sobre o processo de redação desse livro e quais foram as principais dificuldades enfrentadas durante essa pesquisa?

E a segunda pergunta: Você foi responsável pelo verbete acerca de Jean Froissart no Dicionário: *Cem Fragmentos Biográficos. A Idade Média em Trajetórias*. Tendo em vista a sua formação em Letras e seus estudos baseados em textos literários, embora sob uma perspectiva historiográfica, como você percebe a importância da interdisciplinaridade? Como você procura transmitir essa abordagem aos seus alunos?

Marcella Lopes Guimarães: Tanto o meu trabalho sobre a vida dos trovadores quanto o verbete, veja que eu trabalhei com biografias. Eu estou muito interessada nesse gênero textual. Eu já ofereci cinco cursos na pós-graduação sobre biografias. Cada vez o curso é diferente, com textos diferentes, alguns com muitos participantes. Por exemplo, em um desses cursos, eu trabalhei com a primeira biografia da Rita Lee. Nós lemos, foi o primeiro texto e esse curso teve grande participação. Então, os dois trabalhos são biografias. No primeiro caso, *As vidas dos trovadores medievais: Quem foram esses homens e mulheres que cantaram o amor*, veja, ao lado dos cancioneiros, ou melhor, em cerca de 20 cancioneiros do domínio linguístico occitano, temos a poesia dos trovadores e trovadoras, ou seja, dos *troubadours* e *trouberitz*, ao lado de suas biografias, algumas grandes e outras bem pequenininhas, algumas com apenas duas linhas.

E esses cancioneiros, esses manuscritos — boa parte deles — foram compilados na Itália. Veja quão interessantes eram os cancioneiros do domínio linguístico occitano, não francês. E esses cancioneiros tinham um pedacinho de

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

biografia. E, obviamente, para mostrar aos “italianos” quem eram esses trovadores. Mas, é óbvio que os “italianos” consumiram esses cancioneiros e os encomendaram, considerando que eram cancioneiros riquíssimos, caríssimos, cancioneiros com iluminuras lindas, porque eles amavam essa poesia. Eles queriam conservar essa poesia. Então, esses manuscritos contêm poesia e biografia. Nós já possuímos, felizmente, transcrições dessas biografias, em occitano, claro. E possuímos algumas traduções em francês, em castelhano e em inglês também. Eu utilizei essas traduções. Mas eu traduzi do occitano, diretamente. Traduzir a prosa, para mim, é mais fácil do que a poesia. Então, eu tive o texto em occitano transcrito, eu olhei os manuscritos também. Eu tive traduções em francês, inglês e castelhano, e eu fiz a minha. E eu já tenho alguma experiência em traduzir, então eu criei glossários de preposições e verbos. Eu tive em Poitiers acesso a dicionários de occitano. Existe um excelente dicionário de occitano na internet, que é o *DOM*, dicionário de occitano medieval [*Dictionnaire de l'occitan médiéval*], que a gente pode usar, tem acesso aberto. E eu usei muito esse dicionário. E foi um dos maiores desafios que enfrentei na minha estadia na França, estando ao lado das maiores bibliotecas, um sonho realizado que, de repente, viu-se confinado. Como mencionei anteriormente, tive a oportunidade de coletar uma quantidade considerável de livros, estando bem preparada para isso. Contudo, a verdadeira biblioteca que criei estava no meu modesto apartamento.

Em relação aos *Cem Fragmentos Biográficos*, esse projeto surgiu como um convite da minha querida irmã, Renata Nascimento, que estava organizando o livro. Para mim, este livro representa uma das maiores conquistas da medievalística brasileira, reunindo renomados medievalistas, inclusive alguns estrangeiros. Até mesmo Stéphane Boissellier contribuiu, assinando o verbete sobre [Gomes Eanes de] Zurara, e fui eu quem traduziu seu verbete. Ele estava sem tempo para realizar a

Marcella Lopes Guimarães

tradução, embora seu português seja muito bom, mas ele havia escrito em francês. Prontamente me ofereci para fazer a tradução, e é a minha versão que vocês podem ler. Assim, com grande entusiasmo, abracei o projeto.

E escrever sobre Froissart foi uma experiência maravilhosa para mim, dado que passei muito tempo trabalhando com a crônica de Froissart. Como historiadora, minha pesquisa sempre se concentrou em responder a uma pergunta fundamental: o que Froissart sabia sobre os eventos ocorridos na Península Ibérica? Froissart entrevistou portugueses na França, entre outros, tornando sua crônica uma rica fonte de informações sobre a história da região. Então a crônica dele é muito bem informada sobre o que aconteceu. Ele sabia muito bem sobre o assassinato do Rei de Castela, Pedro, o Cruel. Ele não era um cronista régio, mas sim uma espécie de *"freelancer"* que viajava de corte em corte, o que me encantava. Além disso, Froissart era um habilidoso escritor e um grande prosador. Para um historiador que trabalha com narrativas e crônicas, ele é incrível, pois não apenas relata os eventos, mas também menciona suas fontes com generosidade.

Quando questionada sobre a interdisciplinaridade, eu sou uma historiadora que vem de uma formação em Letras e conhece a narrativa. Eu estudei muito a narrativa. Portanto, quando eu examino a narrativa de Froissart e os procedimentos que ele empregava, quando eu uno todas essas fontes em um construto, em um texto narrativo, eu acho isso incrível. Entrevistando as pessoas, observando onde ele as entrevistou e para onde ele viajou em busca da informação, ele se assemelha a um jornalista, quase. Portanto, estudar Froissart foi de grande importância para mim.

E quando Renata concebeu o projeto *"Cem Fragmentos"*, ela me convidou a escrever uma pequena nota biográfica sobre Froissart. Prontamente aceitei, e o texto

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

que vocês leem reflete minha experiência ao trabalhar com a crônica de Froissart. Minha abordagem sempre inclui a comparação histórica e a análise da circulação da informação e do conhecimento, aspectos que estão intrinsecamente ligados ao meu trabalho.

Revista Epígrafe: Gostaríamos de saber um pouco da sua opinião sobre o papel público dos intelectuais, mais especificamente dos historiadores. E sobre a experiência com seu blog e todo esse processo de divulgação científica. Vimos também que a senhora foi premiada na categoria “personalidade universitária”, do prêmio *Personalidades* em 2019, entre outros, como o *III Prêmio UFES de Literatura* (Livro de Literatura Infantil). Então, qual a sua opinião sobre esse diálogo com o grande público?

Marcella Lopes Guimarães: Eu acho que é fundamental o intelectual falar com as pessoas, se a gente acha que vai falar só com nossos alunos, vai ficar vivendo na Academia e não ter interlocução com o público, a Academia vai acabar, a Universidade vai acabar. A gente precisa conversar com as pessoas! E nós estamos no mundo, eu vou a reunião de pais, eu converso com as pessoas no supermercado, eu brigo com a minha família, então são interlocuções de um intelectual, nós não estamos desconectados, isso não existe. O Bruno Latour (1947 - 2022), um dos maiores pesquisadores que ultimamente tem feito minha cabeça... Deixa eu contar uma anedota para vocês, eu tenho um pouco de raiva de ter chegado atrasada na vida de algumas pessoas que eu gostaria que fossem meus melhores amigos, tá? Eu tenho ódio disso. O Bruno Latour, por exemplo, eu gostaria que ele tivesse sido meu melhor amigo e ele morreu. Eu queria que o Oliver Sacks (1933 - 2015) tivesse sido meu melhor amigo, e ele morreu também. Então, me dá raiva de ter chegado

Marcella Lopes Guimarães

atrasada em algumas vidas. Mas, ultimamente a obra do Bruno Latour tem me inspirado demais. E o que ele diz? Ele diz que não existe um cérebro extirpado olhando a realidade exterior.

Então assim, humanos e não humanos, vírus, nós estamos todos em uma rede, aliás, a experiência recente demonstrou. O intelectual que acha que ele está ali bem seguro em seu gabinete, ele está iludido, ou então ele é um covarde, tá certo? Porque ele está no mundo, então ele tem sua obrigação. Nós, professores universitários, de universidades públicas, não damos uma quantidade de aulas como nossos colegas das universidades privadas, os nossos colegas de universidades privadas dão um monte de aulas, são constrangidos a fazerem um monte de trabalhos. Eu dei aula em universidade privada, então eu sei. Não é que me contaram, eu fui professora de universidade privada também. Nós temos condições de trabalhos que não são as melhores, mas puxa vida, ninguém tem as melhores, ao não ser, sei lá... Mas, temos condições muito boas de realizar nosso trabalho. Eu trabalho muito, porque é trabalhar muito sim, não tenho medo do trabalho, e não fico fazendo esse discurso '*ai, trabalho tanto*'. Para com isso, você trabalha o que você tem que trabalhar. Tem prova, eu tenho que corrigir. Tem projeto, eu tenho que corrigir. Tenho que ir a reunião de departamento sim. Tem que ser, eventualmente, chefe de departamento, sim. Me irrita essa coisa de '*não tenho perfil*', ninguém tem perfil, todo mundo é professor, mas tem que ser. Desculpa, mas é partilhar a labuta. Então assim, o papel do intelectual é conversar com as pessoas, existem pessoas que são mais difíceis de serem conversáveis, existem pessoas com as quais não dá para conversar? Existem, sim. Tem pessoas com as quais eu não quero conversar, a experiência recente me demonstrou que eu não posso conversar com algumas pessoas. Mas, eu quero ampliar o meu escopo, eu quero falar com elas.

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

Eu tenho, como eu falei para vocês, coleções de livros didáticos, eu passei por uma experiência em 2019, que foi uma experiência transformadora, eu conversei com duas mil crianças que, em São Paulo, trabalhavam com meus livros, e elas me fizeram perguntas impressionantes, elas me falaram coisas impressionantes da vida delas, quando elas estavam trabalhando com meus livros em casa com os pais, me contaram histórias de avós, de avôs. Eu vivi momentos ternos, momentos inesquecíveis com as crianças, e quero continuar falando com elas. Quero lembrar que o grande Georges Duby (1919 - 1996) tinha programa de rádio, programa de televisão e fez palestras para crianças sobre castelos, mostrando para as crianças que castelos não eram os castelos da Disney. O grande, o extraordinário Georges Duby. Então, quem sou eu, Marcella? Eu quero falar com as pessoas. Então, nós temos de falar!

Esses prêmios... Na verdade, eu não conquistei o prêmio *Personalidades*, eu fiquei em terceiro lugar, o que foi muito honroso, eles deram uma festa aqui em Curitiba, eu usei vestido bonito, dancei, me diverti. Carioca se diverte em qualquer ambiente, gente! Então, foi bem divertido. Eu recebi também o prêmio *Mérito Universitário* da minha universidade, foi uma coisa que me deixou muito feliz. Receber o prêmio EDUFES foi uma surpresa para mim, porque eu recebi ele em função do meu pequeno romance *Menina com brinco de folha*, que é um romance para crianças, e ele foi premiado neste concurso nacional. Foi uma surpresa para mim, eu mandei o original e ele recebeu o prêmio e eu fiquei tão emocionada, fui para Vitória receber o prêmio, o livro foi editado. O livro está em acesso aberto, qualquer pessoa pode ler, ele foi lindamente ilustrado por uma grande amiga minha, que é uma artista plástica, e está em acesso aberto, ninguém precisa comprar. Depois, eu assinei outras duas coleções de livros didáticos, que estão por aí. Escrevi *As árvores e os frutos*, que é um

Marcella Lopes Guimarães

livro de contos, foi editado por uma editora portuguesa. Acabei de lançar *A língua secreta dos gatos*, para crianças também, para crianças ao todo, mas em termos de leitura, crianças que já leem sem que sua leitura seja feita pelos pais. E ano que vem deve sair um outro livro literário meu, eu assinei um contrato com uma editora de São Paulo, que é um livro para crianças bem pequenas.

Então eu gosto muito de falar com as pessoas, vocês veem como eu sou falante, gosto de falar com as pessoas, gosto de conversar com as crianças e gosto de conversar com jovens. Veja, na graduação estou sempre com jovens, existem turmas que são mais acolhedoras do que a gente tem para dizer e tem turmas que não são tão [acolhedoras], mas é a vida do professor, tem turmas que a gente consegue envolver mais, motivar, animar, e tem turmas que a animação é diferente. E fazemos nosso trabalho sem escolher alunos, porque não é o que fazemos. Eu tenho aluno autista, já tive aluno cego em sala de aula, e eu estou num papel de dar aulas para eles todos e todas, tenho que falar com todos eles. Então, estou com jovens sempre, mas também com alunos mais velhos do que eu, já tive eventualmente à noite. Já tive alunos mais velhos do que eu quando eu dava aula à noite de alfabetização. E gosto de conversar com as crianças quando sou chamada pelas editoras para falar com meus leitores crianças, e é muito divertido, é muito incrível. Então eu acho que é uma tarefa nossa, que nós temos esse lugar, que conquistamos, claro que conquistamos, eu fiz um concurso difícil. Mas, tenho condições atualmente de falar com as pessoas. Eu me dedico à pesquisa, o governo brasileiro me dá uma bolsa, me dá recursos para isso, é minha obrigação falar com as pessoas.

Revista Epígrafe: Gostaríamos de agradecer muito pelo seu tempo professora, a conversa foi incrível! Por fim, pensando quando a senhora falou sobre livros que

“... a gente produz um conteúdo de grande qualidade e deixa à disposição do mundo... as revistas são isso, são uma força democrática”

fomentam sua pesquisa e aqueles que vem lendo recentemente, a senhora poderia deixar algumas indicações para os leitores da Revista Epígrafe?

Marcella Lopes Guimarães: Como eu falei, eu tenho sido bastante provocada pela obra do Bruno Latour, então quem está fazendo minha cabeça agora é o Bruno Latour, ele tem me provocado, inclusive no meu projeto das bibliotecas, eu achei um jeito de enfiar o Bruno Latour, então é isso. Outra coisa, eu acho que a gente tem que ler Literatura. Até que se prove o contrário, só temos essa vida para viver, e a literatura oferece a nós a oportunidade de viver tantas vidas, que me fascina. Então, eu leio os clássicos, o clube do livro que eu animo é voltado para os grandes clássicos, a gente leu *Em busca do tempo perdido* ao longo de três anos, do Proust, é, três anos lendo um livro, na verdade eram sete volumes, mas... Nós lemos *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, que é enorme. Então você tem que ler os clássicos, tem que questionar esses clássicos também. E tem que ler, tem que dar um voto de confiança na literatura contemporânea, porque também só ler os clássicos é muito confortável, aquilo que as gerações já subscreveram, então temos que ler as coisas novas. E tem que ler, acho que a minha recomendação é essa, fazer da sua vida uma experiência mais rica em termos de leitura, ter sempre um livro na sua bolsa.

Ontem eu terminei a aula da pós, e achei tão bonito um dos meus orientandos, que sabe que eu sou uma leitora voraz, ele estava com um conjunto de uma autora polonesa e ele me disse '*professora, você conhece?*', e eu disse que não, aí ele me disse '*Ah, você vai adorar!*', sabe, essa coisa maravilhosa da gente poder trocar — eu disse '*Eu quero, Rodrigo!*' Por isso eu entendo a Clarisse no *Felicidade Clandestina*, quando ela diz ao final do conto, quando fala de *Reinações de Narizinho*, que é uma personagem criança, ela diz ao final que aquela criança com o livro, ela era "*a mulher e*

Marcella Lopes Guimarães

seu amante". É tão bonito! Mas ao mesmo tempo era uma criança. Mas o livro é isso, é uma relação constante na minha vida, e eu acho que se eu tenho um papel como historiadora, e eu adoro esse papel, de conversar com as pessoas, talvez o papel mais constante na minha vida, desde que eu fui professora de Ensino Fundamental, quando eu era professora de Língua Portuguesa, até hoje, o perfil que atravessa minha carreira é a formação de leitores. Eu acho que a gente tem que formar leitores. Então a minha recomendação é que as pessoas leiam, os clássicos e as novidades, que se joguem um pouco, para uma experiência transtemporal de leitura.

Revista Epígrafe: Por fim, professora, a senhora gostaria de comentar algo que não foi abordado durante a entrevista. E teria alguma mensagem aos estudantes de História e leitores dessa Revista?

Marcella Lopes Guimarães: Apenas a minha verdadeira e profunda gratidão por ter sido lembrada, por ter sido contatada, pela honra de figurar um pedaço da minha trajetória nas páginas de vocês, pelo potencial de leitura que, de repente, a minha pequena trajetória aqui em Curitiba vai ter, graças a vocês. Então, a minha profunda gratidão. Eu sou uma faladora, uma faladeira, contadora de histórias, eu fiquei muito feliz de ter partilhado este pedacinho da minha manhã com vocês. Então muito obrigado por me contatarem, pelo trabalho de vocês em uma revista que é voluntária e é isso. Muito obrigado!

Revista Epígrafe: Mais uma vez, nós agradecemos, professora. Foi uma honra tê-la conosco essa manhã! Foi uma conversa muito inspiradora. Agradecemos imensamente!